

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA – UFSM CENTRO DE
CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS – CCSH (CENTRO DE EDUCAÇÃO)
LICENCIATURA EM CIÊNCIAS DA RELIGIÃO**

Carla Adriana Pedrozo Senador

**O PAPEL DA MOTIVAÇÃO NA APRENDIZAGEM: A
AUTOBIOGRAFIA DE UMA PROFESSORA DE ENSINO RELIGIOSO**

Quaraí, RS
2020

Carla Adriana Pedrozo Senador

**O PAPEL DA MOTIVAÇÃO NA APRENDIZAGEM: A
AUTOBIOGRAFIA DE UMA PROFESSORA DE ENSINO RELIGIOSO**

Trabalho de conclusão apresentado ao Curso de Ciências da Religião da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito para obtenção do título de **Graduada em Ciências da Religião**.

Orientadora: Sandra Elisa Réquia Sousa

Quaraí, RS
2020

Carla Adriana Pedrozo Senador

**O PAPEL DA MOTIVAÇÃO NA APRENDIZAGEM: A
AUTOBIOGRAFIA DE UMA PROFESSORA DE ENSINO RELIGIOSO**

Trabalho de conclusão apresentado ao
Curso de Ciências da Religião da
Universidade Federal de Santa Maria
(UFSM, RS), como requisito para
obtenção do título de **Graduada em
Ciências da Religião.**

Aprovado em

(Presidente/Orientador)

(UFSM)

(UFSM)

Quaraí, RS

2020

O PAPEL DA MOTIVAÇÃO NA APRENDIZAGEM: A AUTOBIOGRAFIA DE UMA PROFESSORA DE ENSINO RELIGIÃO

THE ROLE OF MOTIVATION IN LEARNING: THE AUTOBIOGRAPHY OF A RELIGIOUS EDUCATION TEACHER

AUTORA: Carla Adriana Pedrozo Senador

ORIENTADORA: Sandra Elisa Réquia Sousa

RESUMO

O presente artigo teve como objetivo verificar as relações existentes entre o agir pedagógico, de uma professora de Ensino Religioso, e o papel da motivação na aprendizagem de alunos do ensino fundamental. Nele, eu busquei compreender as experiências, percepções e atuação desta professora, trabalhadora de uma escola Estadual no município de Quaraí/RS, por meio de uma narrativa autobiográfica. Dessa forma, utilizei-me da abordagem autobiográfica, pois ela me permitiu entender, entre outras coisas, o quanto a experiência de professores mais antigos tem auxiliado professores iniciantes na postura pedagógica, visto que os conhecimentos advindos da prática, em conjunto com a teoria, são inegavelmente necessários para o desenvolvimento profissional. A partir deste estudo, compreendi que a motivação é uma busca constante e, na educação, ela tem uma grande inter-relação com a aprendizagem e exige ação, comportamento e habilidades para atingir seus objetivos. Também verifiquei que é de fundamental importância a disposição do professor, para que a aula aconteça de forma ativa e com a participação de todos, por meio das escolhas metodológicas, dos conteúdos e da escuta sensível. Isso significa que, além da sua formação, o professor necessita agir com flexibilidade, criatividade e atenção aos alunos, potencializando as relações interpessoais. Os resultados demonstraram que a pesquisa favoreceu um significativo aprendizado em relação à motivação e ao desempenho escolar, pois o estilo motivacional do professor é fundamental para o envolvimento dos estudantes em sala de aula.

PALAVRAS-CHAVE

Ensino Religioso. Aprendizagem. Motivação. Autobiografia.

ABSTRACT

This article aimed to verify the relationship between the pedagogical action of a Religious Education teacher and the role of motivation in the learning of elementary school students. In it, I sought to understand the experiences, perceptions and performance of this teacher, working at a State school in the city of Quaraí / RS, through an autobiographical narrative. Thus, I used the autobiographical approach, as it allowed me to understand, among other things, how much the experience of older teachers has helped beginning teachers in the pedagogical posture, since the knowledge derived from the practice, together with the theory, are undeniably necessary for professional development. From this study, I understood that motivation is a constant search and, in education, it has a great interrelation with learning and requires action, behavior and skills to achieve its goals. I also found that the teacher's disposition is of fundamental importance, so that the class happens actively and with the participation of all, through methodological choices, content and sensitive listening. This means that, in addition to their training, the teacher needs to act with flexibility, creativity and attention to students, enhancing interpersonal relationships. The results showed that the research favored a significant learning in relation to motivation and school performance, since the motivational style of the teacher is fundamental for the involvement of students in the classroom.

Keywords: Religious Teaching. Learning. Motivation. Autobiography.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A motivação é uma força interna que nos impulsiona a agir e a tomar decisões, mas não o agir mecânico, sem consciência, visto que ao estarmos motivados, interagimos com o grupo coerentemente e realizamos tarefas, estudos, sonhos, ações concretas, entre outros. Ela pode assumir diferentes significados de acordo com o contexto em que é empregada. Segundo Todorov & Moreira (2020), além de considerar o contexto, há também divergências quanto ao objetivo do trabalho dos pesquisadores, bem como em relação à metodologia a ser utilizada.

Neste estudo, assumo o objetivo de avaliar a motivação de alunos visando às questões de aprendizagem e, portanto, adoto o viés das Teorias da Aprendizagem, pois ele me permite visualizar melhor o meu objeto de pesquisa. A partir deste olhar, busco verificar as relações existentes entre o agir pedagógico de uma professora de Ensino Religioso e a motivação de alunos, do ensino fundamental, visando à aprendizagem.

Para tanto, a pesquisa foi desenvolvida em uma Escola Estadual de Ensino fundamental e Médio, da cidade de Quaraí, RS, por tratar-se de uma Instituição onde atuei, profissionalmente, durante três anos, e por ser a escola da minha filha. E, dessa forma, ela tornou-se um lugar de nossa convivência cotidiana e de relacionamentos amistosos com professores e alunos, bem como com a Direção da Escola. Isso me proporcionou um olhar mais aperfeiçoado sobre as suas dificuldades e potencialidades. Ou seja, a minha experiência profissional e o acompanhamento dos estudos da minha filha, permitiu-me observar que esta Instituição de ensino desenvolve um trabalho de interação, cooperação e motivação com seus alunos, através da participação da família, de professores e da sua Direção. A Instituição sempre foi atuante na comunidade, porque realiza palestras com representantes religiosos que se dispõem a falar sobre temas de cunho religioso, mas também são promovidas apresentações artísticas que procuram envolver os alunos na socialização com os demais colegas. O incentivo à participação dos pais na vida da escola é outro ponto positivo, ao mesmo tempo em que eles vivenciam a educação dos filhos, experimentam a interação entre professores e pais. Os professores atuam como amigos de seus educandos e os

alunos sentem-se à vontade para dividir, com eles, os seus problemas e anseios quando precisam. No momento, a escola está tendo apenas as aulas *on-line*.

Essa escola possui aproximadamente seiscentos alunos, quarenta e um professores e doze funcionários, sua estrutura encontra-se em ótima conservação, possuindo doze salas de aula, uma sala de recursos, biblioteca, sala de vídeo, supervisão, secretaria, direção, sala dos professores, sala de reuniões e o refeitório. Ela funciona nos turnos: manhã, tarde e noite, sendo que, no período diurno o ensino fundamental e, à noite, o EJA (Educação de Jovens e Adultos) e o ensino fundamental regular.

Apesar de sempre ter sido uma Instituição de Ensino ativa, durante a minha atuação como profissional administrativo, observei que os alunos demonstravam desmotivação em relação às aulas de Ensino Religioso. E os educandos que pertenciam a outras religiões, que não fosse o catolicismo, ficavam na biblioteca da escola durante as aulas de Ensino Religioso. Isso me chamou a atenção, pois a sala de aula é um espaço de integração e a escola é um lugar onde se produzem reflexões, interações, informações e conhecimentos.

Diante desse problema busquei compreender o papel da motivação na aprendizagem dos alunos pelo olhar de uma professora de Ensino Religioso e, para tanto, optei pela abordagem autobiográfica, que enfatiza os meios de análise de práticas e vivências, o papel do pesquisador, a dimensão ética das e nas recorrências com o respondente. A abordagem autobiográfica permite entender, entre outras coisas, o quanto a experiência de professores mais antigos tem auxiliado professores iniciantes, pois os conhecimentos advindos da prática, em conjunto com a teoria, são inegavelmente necessários para o desenvolvimento profissional. De acordo com (JOSSO, 2009, p. 43) “Abordagem biográficas e histórias de vida parecem ter funcionalidade perenes relacionadas à singularidade e transformações sempre crescentes”.

Neste sentido, busquei na autobiografia de uma professora do ensino fundamental compreender o papel da motivação na aprendizagem de alunos do Ensino Religioso. Assim, o meu primeiro movimento, como forma de contato com a professora se deu pelo envio de um e-mail com o convite para participar da

pesquisa. A escolha por ela se deu pelo fato de ser uma pessoa que mantém uma constância nas suas decisões e objetivos e hoje atua como educadora que possui liderança e representatividade na escola. Trata-se de uma professora com longa experiência no trabalho com alunos na disciplina de Ensino Religioso. A sua narrativa permitiu-me compreender o modo como atua em sala de aula incentivando a participação ativa de seus alunos.

Para garantir o sigilo necessário ao meu sujeito de pesquisa, escolhi chamá-lo por meio do nome de uma flor, ou seja, “Begônia”. Essa flor tem como significado a cordialidade. Assim, procurei aproximar a participante com a flor que se parece com as suas características, já que a entrevistada demonstra ser afetuosa e amável com seus familiares e alunos.

Este artigo é dividido em quatro tópicos. No primeiro discorro sobre o desenvolvimento dessa abordagem de pesquisa e apresento fragmentos da autobiografia da professora de Ensino Religioso.

No segundo tópico, abordo o Ensino Religioso como disciplina do currículo escolar e integrante das cinco áreas essenciais previstas na Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Sendo que, por meio desse importante documento, o ensino religioso teve seu espaço reconhecido.

No terceiro, busco refletir sobre a motivação de alunos em sala de aula da disciplina de Ensino Religioso através da interpretação da autobiografia da participante da pesquisa.

E, por fim, no quarto tópico, abordo sobre a metodologia utilizada pela professora de Ensino Religioso dirigindo minha atenção para o trabalho que o professor desenvolve dentro da sala de aula, destacando as características essenciais ao desenvolvimento do aluno.

1. Pesquisas autobiográficas: A narrativa de uma experiência em Ensino Religioso

A proposta metodológica deste estudo permite aproximar-me da releitura interpretativa da autobiografia de uma professora de Ensino Religioso. Essa

abordagem de pesquisa foi se consolidando ao longo dos anos, bem como o interesse crescente em relação ao paradigma biográfico. As histórias de vidas ganharam destaque nas ciências humanas, pois era necessário criar esses novos métodos para o que chamamos de biográfico, assim a vida é narrada de diferenciadas formas. (JOSSO, 2009)

Neste sentido, percebe-se que as histórias de vida começaram apresentar diferentes objetivos e formas de serem narradas, aspectos pessoais do personagem biografado e também o contexto social no qual se insere. Segundo Oliveira (2020), o pesquisador ao aproximar-se do professor, consegue conhecer melhor suas condições, dificuldades e sonhos, enquanto contam sua vida e profissão, ao mesmo tempo em que ele vivencia a docência, contribui com os professores que estão no início de suas carreiras profissionais.

O entrevistador proporciona a oportunidade ao entrevistado recordar, reviver e refletir sobre si mesmo, ele tem a possibilidade de compreender o tema de sua pesquisa por meio da experiência relatada. Para tanto “A postura de quem dá a chance ao entrevistado para falar sobre práticas que se produzem na escola e na docência, passa a ser a de ouvir outras possíveis respostas”. (OLIVEIRA, 2020, p. 353).

O trabalho com narrativas autobiográficas implica a forte participação do indivíduo (entrevistado) que, por sua vez, se compromete com o desenvolvimento de reflexão e que o leva a compreender o seu processo de formação, pois a utilização desse método visa colocar o sujeito na posição de protagonista de sua formação e do processo de investigação. De acordo com Viera:

Revisitar nossas memórias é um exercício muito significativo, pois nos faz perceber o quanto aprendemos e, também, que precisamos continuar a caminhada de aprendizes com o intuito de podermos contribuir para o processo formativo daqueles com quem temos a oportunidade de conviver, a partir de nossas constantes, ressignificações. (VIERA, 2020, p. 21)

Quando o ser humano percebe os acontecimentos da vida, ele passa pelo processo de ressignificação, pois é um elemento importante no processo criativo, onde a habilidade de atribuir novos sentidos e significados a um evento comum auxilia no autodescobrimento de si mesmo e valorização do que se é, produzindo bem estar e melhoria na autoestima. As experiências narradas pelos outros são

significativas na compreensão da realidade, pois o ouvinte/leitor experimenta com o devido distanciamento emocional e proximidade reflexiva, certa identificação com a história relatada.

Em conformidade com Passeggi (2011), ao escrever a sua autobiografia, o indivíduo possibilita articular experiências pelas quais passou, favorecendo a sua própria trajetória profissional, passando a dar maior sentido a ela. Assim, percebo que o ato de narrar ajuda a compreender o processo de formação, de inserção na vida profissional e a relação da pessoa consigo mesma.

A Begônia me permitiu compreender a sua trajetória de vida, os percalços e as lutas que enfrentou desde a sua infância. Essa escuta me ajudou a entender o seu percurso e as escolhas que foi fazendo ao longo do tempo, bem como as metodologias que ela adotou como professora de Ensino Religioso e que estão ligadas à motivação dos seus alunos. Assim, transcrevo alguns fragmentos da sua autobiografia e, a seguir, reflito sobre a sua narrativa:

Nasci no dia 14 de dezembro, do ano de mil novecentos e sessenta e oito. Tenho uma única irmã, pois, meu irmãozinho, faleceu, após três dias do seu nascimento.

Aos sete anos de idade, quando estava na 1ª Série, sofri um grave acidente de trânsito, sendo atropelada, e pelo laudo médico, tinha poucas horas de vida. Apesar de tudo, sobrevivi, não ficando com nenhuma sequela. Dessa tragédia, tenho poucas lembranças, a única que nunca saiu da minha memória é que ao sair do hospital, fui à porta da sala de aula, da minha turma, visitar meus colegas, os quais se surpreenderam, ao ver-me muito machucada, devidos aos ferimentos estarem cobertos com mercúrio (na época, muito usado nestes casos). Naquele ano, ainda consegui retornar à escola, embora todos achassem que eu reprovava, perdendo o ano letivo, consegui aprovar para a 2ª Série.

Caracterizo-me como uma pessoa introvertida, sempre gostei muito da minha família, de ficar em casa. Desde pequena, aprecio ler e escrever.

Minha infância foi muito feliz, tive carinho, amor, brinquedos e todo o necessário que uma criança precisava para viver bem e ter alegria, apesar de ser um pouco “rara”, nunca gostei de muitas companhias e brincava muito pouco (fazia parte da minha personalidade).

Na adolescência e juventude, tive alguns traumas, por ser muito magra, tinha pernas finas e tortas e, até sofri bullying pelos cabelos longos. Então, apesar de sempre ter uma personalidade forte, passei por várias crises, não gostava de expor meus sentimentos a ninguém, preferia guardar meus “problemas” e não os revelar, já que preferia poucas pessoas ao meu redor. Tudo isso, talvez, por

ainda não ter a noção e o entendimento das coisas como, realmente, são. Acho que segurança, confiança, adquire-se no decorrer dos anos, com a vivência e maturidade que adquirimos.

Em toda minha trajetória escolar, estudar foi maravilhoso, estudava muito e tirava boas notas, respeitava meus professores, como a meus pais. Espelhava-me em uma tia (já falecida), que era professora. Eu adorava vê-la com os cadernos, preparando suas aulas, admirava tudo aquilo e queria ser como ela.

Fiz Magistério e comecei trabalhar aos 18 anos, não tive condições financeiras de continuar meus estudos e fazer o curso que almejava: Psicologia. Até, então, era o que eu poderia fazer. Durante anos, conformei-me em ser o que era, quanto ao meu conhecimento e formação.

Sou casada e tenho uma filha com 20 anos, a maior bênção recebida de Deus. Tenho muito a agradecer, pois ela, como, eu ama ler e aprender.

Muitos anos passaram, então surgiu a oportunidade de realizar um Curso Superior. Fiz vestibular para Letras, passei e comecei cursar. Encontrei-me no curso. Nesta época trabalhava como Agente Educacional II (Secretária de Escola), cargo que ocupei por quase 12 anos, através de concurso Estadual. Hoje, minha formação é Licenciatura em Letras – Português e Literaturas da Língua Portuguesa (ULBRA), Pós-Graduação em Língua Portuguesa (Barão de Mauá) e Pós Graduação em Educação a Distância (UNIP) – EAD. Fiz novo concurso e atuo como Professora, Regente de Classe na minha disciplina de Formação – Língua Portuguesa e Ensino Religioso.

Dar aulas de Ensino Religioso é um desafio que me foi proposto, pois sem nenhuma formação, na minha concepção, é muito complicado, visto que, há de ser encontrada uma maneira para que todos os alunos sintam-se à vontade nas aulas, nada deve ser imposto, o diálogo e a aceitação devem sempre estar presentes, nas rodas de conversas, nos debates, nas apresentações de trabalhos, exposição de ideias , entre várias metodologias usadas para que as aulas sejam agradáveis, o ambiente deve ser benéfico, haver, principalmente, liberdade e respeito durante a exposição dos assuntos, pensamentos, ideias e vivências de cada um. Encontrei uma maneira de todos estarem bem, tudo o que conversamos sempre tem como objetivo o conhecimento do todo, da história, sem frisar, destacar nem comparar a fé de ninguém, principalmente a minha.

Minha família sempre foi Católica, fui batizada, frequentei missas e fiz a 1ª Comunhão de acordo com seus preceitos, embora acredite que a Religião é algo muito pessoal, vai além de tradições da família de cada um. Em minha opinião, a pessoa deveria escolher sua crença, religião ou filosofia de vida somente quando tiver a certeza que, realmente queira seguir a doutrina, ou seja como for a sua escolha. Todos devem ter a sua fé, seja qual for, devendo ser respeitados.

Isso, eu sempre deixei bem claro na formação da minha filha, seguir suas escolhas, o que realmente, lhe fizer bem. Por escolha própria, eu, decidi seguir a Doutrina Espírita, onde encontrei muitas respostas para minhas perguntas e inquietações. Hoje, posso dizer que tenho muita paz de

espírito, entendimento, que tudo que fizermos terá uma consequência, boa ou ruim, dependendo das nossas vibrações, nossos pensamentos e ações.

Todos buscam um equilíbrio, procuram respostas para suas perguntas, uma maneira para viver bem, resolver seus dilemas, alívio para suas dores, sejam elas físicas ou espirituais, e a verdade é que nem todos encontram no mesmo lugar, de igual maneira; por isso viver bem é estar em paz, procurar a sua felicidade. E cada um é responsável por suas escolhas e deve ser também responsabilizado por seus atos, palavras e atitudes, mas para isso, deve respeitar e ser respeitado, não só querer ser beneficiado com seus direitos, igualmente, cumprir seus deveres; isso é que sempre tento pôr em análise e questionamento sadio em sala de aula. Tenho conquistado muitas alegrias ao ver que estou conseguindo cumprir com o desafio que me foi proposto. Em nossas aulas de religião há espaço para opiniões, nunca se criou um ambiente desagradável, nada foi imposto. Acredito que os alunos, em várias ocasiões, sintam-se à vontade para falar sobre determinado assunto, mesmo que, às vezes, sejam introvertidos ou envergonhados.

Tenho muito cuidado, sempre, em cada aula, ao abordar, sejam conteúdos, temas polêmicos, ética, valores, temas atuais, do cotidiano, da vivência individual ou coletiva, ou qualquer outro, que seja proposto pela turma. Sempre atentando para que fique bem claro que devemos ser humanos, tolerantes e, jamais, discriminar alguém por sua crença, fé, religião ou filosofia de vida. Devemos ser receptivos, estarmos abertos ao novo, conviver com o “diferente” e, até mesmo com a indiferença. Acho que as aulas de Ensino Religioso devem ser dinâmicas, muitos trabalhos em grupos, deixar que os alunos exponham seus sentimentos, pensamentos, ideologias, desde que não prejudiquem nem desestremem de nenhuma forma, o “outro”.

Em todas as propostas das aulas, procuro ouvir e oportunizar condições de discernimento entre o que é positivo e negativo, o que agrega, vem somar ou o que está somente para preencher um espaço e de nada colaborará para uma boa formação, nunca esquecendo que a minha, pode não ser a tua realidade, verdade nem a tua crença.

Posso dizer que, meu objetivo nas aulas de Religião é levar os alunos à reflexão, ao respeito pela sua escolha e a escolha do colega ao lado, promover o autoconhecimento, oportunizar momentos mais próximos, pois eles sentem necessidade de falar sobre as suas opiniões e convicções, muitos, ainda estão em processo de construção da própria identidade, formando opiniões, querendo vivenciar outras experiências; até porque precisam analisar muitas coisas nesta etapa da vida, e por que não tomar decisões sobre a escolha da sua fé, crença, religião ou filosofia de vida? Então, deve-se oportunizar este engajamento, espaços para conversas proveitosas, abertura para descobrirem o que desconhecem, desmistificarem assuntos pouco conhecidos, as diversidades; e isso não é impor uma crença, nenhuma ideologia, e sim, oportunizar um ambiente propício, meios e condições para a formação de cidadãos conscientes, atuantes e responsáveis por suas escolhas.

A produção escrita pela Begônia fazendo um recorte de uma parte da sua trajetória, responde à história de vida no campo educacional que se centra na

pessoa do professor. Percebo que, desde criança, a Begônia gostava de ler e escrever, pois sempre se espelhou em uma tia, já falecida, que era professora. Nas aulas de Ensino Religioso, o seu objetivo é levar os alunos à reflexão, ao respeito pela sua escolha e a escolha do outro.

A Begônia vê o aluno como um sujeito do conhecimento e não mero receptor de informações. Dessa forma, ela enfatiza os aspectos positivos da aprendizagem dos alunos, valorizando e incentivando a participação nas aulas de Ensino Religioso.

2. O Ensino Religioso como disciplina no currículo escolar

O Ensino Religioso mesmo estando no currículo brasileiro no ensino fundamental, somente nas últimas décadas veio conquistando características semelhantes às dos demais componentes curriculares e assumindo o *status* de disciplina. De acordo com a BNCC (2017), o Ensino Religioso:

O Ensino Religioso na BNCC deixa de ser apenas um componente curricular e passa a ser encarado como uma área do conhecimento, assim como as outras áreas que já são consagradas no sistema educacional brasileiro. (BRASIL, 2017, p.27)

Assim podemos observar que a BNCC procurou elencar o Ensino Religioso de uma maneira construtiva no que diz respeito a perceber o conhecimento religioso como essencial à formação do aluno. Embora muitos dos elementos que a Base apresenta já tenham sido pautas históricas, há um longo caminho a ser percorrido. Essa luta tem consequências na sala de aula, pois se percebe que nas aulas de Ensino Religioso há uma indefinição de conteúdos básicos e falta de orientações sobre a formação docente para a referida disciplina, o que permitiu por muito tempo a existência de diferentes critérios de admissão de professores. A justificativa para a diversidade de entendimentos sobre os conteúdos reside no fato de cada sistema de ensino possuir autonomia para defini-los, bem como os critérios de formação e contratação de professores.

Apesar da ausência de diretrizes e pareceres favoráveis à criação de cursos de graduação para formação docente em Ensino Religioso, algumas universidades públicas já oferecem cursos de Licenciatura em Ciências da Religião. É importante

que o professor tenha formação e vivência na área que leciona para poder ensinar a disciplina, respeitando a diversidade religiosa e cultural dos educandos.

No que diz respeito aos conteúdos, utilizados pelo professor formado em Ciências da Religião destacamos a abordagem das diferenças religiosas retratadas em sala de aula, propiciando um conhecimento amplo, evitando o proselitismo. Assim, levando o aluno a conhecer a realidade religiosa de forma consciente, e despertando no educando o entusiasmo pelo conteúdo.

3. A motivação como elemento essencial do processo de ensino-aprendizagem

Analisando a autobiografia da Begônia percebo o quanto a forma de trabalho do professor influencia na vida do aluno. “Às vezes, mal se imagina o que pode passar a representar na vida de um aluno um simples gesto do professor”. (FREIRE, 1996, p.19). O educador atua como incentivador dos seus alunos através da motivação que passa para eles. Saber motivar pressupõe saber como os alunos aprendem, pois é evidente que o interesse dos alunos depende em grande medida das decisões que o professor toma. A Begônia acredita que a maneira como desenvolve seu trabalho na sala de aula é o que faz com que os alunos se interessem pelos conteúdos.

Segundo Yus Ramos:

Por outro lado, a educação holística reconhece que a relevância é o melhor motivador para a aprendizagem. Assim, o professor assume a responsabilidade com a aprendizagem de qualidade dentro e fora da sala de aula, selecionando e organizando informações que sejam mais relevantes para os alunos. Por isso, os estudantes têm uma voz significativa na determinação, tanto do conteúdo quanto da metodologia da experiência de ensino/aprendizagem. (YUS RAMOS, 2002, p.41)

De acordo com Jan Smuts (1926), a palavra “holismo” conceitua-se como “a tendência da natureza, através da evolução criativa, é a de formar qualquer “todo” como sendo maior do que a soma de suas partes”. Deste modo, a educação holística possui uma característica especial, pedagogicamente falando. Ela propicia aos alunos um sentido das coisas: a visão do todo. Assim, o educando sente prazer,

interesse, criatividade e vontade de aprender, pois se cria uma relação do aluno com o professor, o que resulta em uma aprendizagem de qualidade.

Já os estudantes desmotivados pelos conteúdos escolares apresentam desempenho abaixo do seu potencial o que resulta no distanciamento do processo de aprendizagem. No entender de Yus Ramos (2002), os conteúdos educativos são tantos que chegam a nos deixar entediados. Por isso que muitos alunos com grande capacidade intelectual se desinteressam pela escola, e acabam abandonando os estudos. A explicação está na grande quantidade de informações acadêmicas e a aprendizagem superficial, pois impedindo que admiremos a riqueza do que aprendemos.

Neste sentido Brandão (1995, p. 61-66) desafia os educadores falando:

Aprender, reaprender constantemente..., nesta constante formação do homem, educação!... não perder a ludicidade, o prazer e a alegria de penetrar no desconhecido em busca de respostas parciais, sempre parciais... Por pretender a construção do homem, não de qualquer homem, mas de um homem fraterno, solidário, tolerante e aberto à alegria de novas experiências, a educação não pode ser pensada senão interagindo com o universo de conhecimento que a cerca... Não temos necessidades de alguns "sábios". Temos necessidade de que o maior número adquira e exerça a sabedoria...

Nessa perspectiva, evidenciamos a reflexão da Begônia, que ministrar aulas de Ensino Religioso é um desafio que foi proposto e ela aceitou, mesmo sabendo que não tinha nenhuma formação na área de Ensino Religioso. A sua decisão de aceitar o desafio foi por acreditar na existência de diferentes maneiras de ensinar de forma que todos os alunos sejam motivados a participar. Em sua narrativa, ela mencionou que sempre busca fazer um contrato com os alunos no início das aulas e procura estar sempre à disposição para o diálogo e a conversa amiga, porque acredita que deve existir sempre respeito e disposição para fazer o melhor. Na sala de aula, Begônia procura manter a liberdade e o respeito nos momentos em que os alunos expõem seus pensamentos, ideias e vivências.

Nesse sentido, Begônia assume a função de facilitadora da aprendizagem, propiciando um clima favorável ao estudo. E assim, com atitudes práticas o aluno é compreendido como um ser que autodesenvolve, precisando apenas de um processo de aprendizagem sensível e respeitoso que o inclua nas decisões.

Assim, no entender de Bzunez (2001), o professor deve cumprir duas funções: a primeira de remediador dos alunos desmotivados, ou seja, consiste na recuperação e reorientação daqueles alunos que apresentam uma forma de motivação distorcida. Já a segunda função seria de caráter permanente que otimiza a motivação para aprender. A forma como o professor conduz sua tarefa em sala de aula irá refletir na aprendizagem do aluno. E nesse sentido, caberá ao professor ser criativo, utilizar diferentes metodologias, adotando os recursos adequados e convenientes às necessidades específicas.

4. As escolhas metodológicas e a relação com a motivação dos alunos

O aprendizado na área do Ensino Religioso, exige uma metodologia inovadora e sensível às mudanças de cada época. Neste sentido, Begônia, informou que, durante as conversas com os alunos, objetiva sempre conhecimento do todo, da história que está por trás de cada rosto e nunca há comparação entre a fé professada pelos alunos e, principalmente a dela. Acredita que cada um é responsável pelas suas escolhas e deve ser também responsabilizado por seus atos. Ela procura auxiliar o debate, em sala de aula, colocando em análise e questionamento sadio as diferentes religiões para o conhecimento de todos. Nos debates, procura respeitar e exige o respeito nas relações, ensinando que cada pessoa tem direito às suas escolhas.

Para Freire (1996), o educador ao compreender que deve respeitar o educando e a sua dignidade, possibilitará entender que na prática irão surgir algumas qualidades em si, sem as quais aquele saber vira palavreado falso que não funciona. Neste sentido, Begônia procura desenvolver atitudes de respeito e amizade para contribuir com o aprendizado e não sufocar o desejo do aluno de conhecer.

O professor que procura respeitar a dignidade e a identidade do educando, deixa de ser o centro da aprendizagem e passa a ser um mediador, assim o educador possibilita condições para o desenvolvimento do aluno em sala de aula.

Como bem nos assegura Begônia, em suas aulas, os alunos sentem-se à vontade para falar sobre diversos assuntos. Dessa forma, até mesmo os mais

introvertidos participam ativamente das aulas, e ela sente-se bem ao ver que está conseguindo cumprir com o desafio de ensinar uma disciplina que, muitas vezes, sofre preconceitos por não ter o seu lugar garantido no currículo da escola. Nas suas aulas de Ensino Religioso há espaço para opinião, todas as vozes são ouvidas e respeitadas e ela auxilia no processo de reflexão sem desmerecer as formas de pensar e agir. Em sua opinião, o ambiente fica leve e agradável a todos.

Ao ouvir a narrativa de Begônia, percebe-se que ser educador da disciplina de Ensino Religioso constitui um grande desafio, pois para ensinar o aluno a reconhecer a disciplina, de forma consciente, e despertar nele o entusiasmo pelos conteúdos abordados, constitui-se um grande desafio cotidiano.

Begônia procura usar adequadamente os recursos didáticos em sala de aula, e assim propicia ao aluno um papel ativo na construção do conhecimento. Essa forma de agir previne a ocorrência de situações constrangedoras e difíceis, como bem elucida Bzuneck (2001):

De um ponto de vista psicoeducacional, o papel do professor em classe, mais do que remediar (o que, porém, não deve ser descuidado), é o de prevenir a ocorrência de condições negativas, como o tédio crônico, a apatia ou a alta ansiedade e, mais do que tudo desenvolver e manter a motivação positiva da classe como um todo, série após série. (BZUNECK, 2001, p.26)

Para o autor manter a motivação de alunos é um dos papéis importantes do professor o que para Begônia é uma constante em suas aulas, pois ela procura ouvir e oportunizar situações onde sejam proporcionadas as condições de discernimento entre o que é positivo e negativo o que agrega, ou o que está somente para preencher um espaço e de nada colaborará para uma boa formação. Ela enfatiza “nunca esquecendo que a minha, pode não ser a tua realidade, verdade nem a tua crença”. (BEGÔNIA, 2020). Ela procura ter cuidado, em cada aula, ao abordar, sejam conteúdos, temas polêmicos, ética, valores, temas atuais, do cotidiano, da vivência individual ou coletiva, ou qualquer outro, que seja proposto pela turma. Sempre atentando para que fique bem claro, que devemos ser tolerantes e jamais, discriminar alguém por sua crença, fé, religião ou filosofia de vida. Para Begônia, é importante agir com receptividade e flexibilidade diante de novas situações e pessoas. Para ela, precisamos conviver com o “diferente” e, até mesmo, com a indiferença.

Essa forma de proceder diante da turma de alunos, expressa a necessidade da tolerância entre as pessoas e o respeito das opiniões, pois ao reconhecer a igualdade de direitos, distinguir os limites e as diferenças os alunos se situam como seres que respeitam a opinião do outro com relação à religião.

A forma como Begônia encaminha o seu trabalho junto aos alunos vai ao encontro do que diz Bzuneck (2001), ou seja,

(...) antes de mais nada, é preciso que o professor conheça tais mecanismos psicológicos ligados à motivação do aluno. Para ter êxito na tarefa de motivar adequadamente sua classe, todo professor deve dominar uma grande variedade de técnicas e saber usá-las com flexibilidade e criatividade. A complexidade e o caráter imprevisível das situações em sala de aula tornam insuficientes quaisquer receitas prontas. (BZUNECK, 2001, p.30)

Dessa forma, não existe um método exitoso para todas as ocasiões, é preciso a escuta sensível e buscar nas várias técnicas existentes a que melhor se adequa em cada situação, conteúdo e pessoas. A criatividade também se torna uma aliada, assim como a flexibilidade, na tomada de decisões.

Assim, no entender da Begônia as aulas de Ensino Religioso devem ser dinâmicas, com propostas de trabalhos em grupos, abertura ao diálogo, deixando que os alunos exponham seus sentimentos, pensamentos, ideologias, de forma respeitosa com o outro.

Diante de todas essas informações, percebi uma característica peculiar na Begônia, ela procura compreender a realidade educacional, as suas origens e controvérsias. As suas aulas de Ensino Religioso acontecem através da harmonização para a melhor vivência entre os alunos, favorecendo um clima saudável, tornando a aula prazerosa, mas sempre dirigida pelo professor como mediador do processo educativo.

O seu objetivo em relação às aulas de Religião é levar os alunos à reflexão, ao respeito pela sua escolha e a do colega ao lado, promover o autoconhecimento, oportunizar momentos mais próximos, pois eles sentem necessidade de falar sobre as suas opiniões e convicções. Muitos deles ainda estão em processo de construção da própria identidade, formando opiniões, querendo vivenciar outras experiências e precisam analisar muitas coisas nesta etapa da vida e tomar decisões sobre a escolha da sua fé, crença, religião ou filosofia de vida. Então, deve-se oportunizar,

espaços para conversas proveitosas, abertura para eles descobrirem o que desconhecem, desmistificarem assuntos pouco conhecidos, garantirem o respeito à diversidade. Diferentemente de; impor uma crença, ou ideologia de forma autoritária e sem legitimação.

Dessa forma, pude verificar que a Begônia procura compreender o universo religioso que cada aluno traz em si, pois o diálogo possibilita compreender a forma de pensar o diferente, onde se busca o respeito à diversidade religiosa, e assim mantendo a neutralidade, excluindo todo preconceito e visando alcançar a formação integral do indivíduo.

Considerações Finais

A partir do estudo realizado considero de fundamental importância a disposição do professor em facilitar a aprendizagem, fazendo escolhas necessárias para o bom andamento das aulas. Isso significa que, além da sua formação, o professor necessita agir com flexibilidade, criatividade e atenção às diferenças. Além disso, o planejamento metodológico diversificado propicia aos alunos formas de aprendizagem de acordo com o seu interesse, promovendo a motivação.

Na autobiografia da Begônia pude perceber que, para ela, dar aulas de Ensino Religioso é um grande desafio, mas ela encontrou uma maneira para que todos se sintam bem nas aulas, através de uma metodologia diferenciada, pois acredita que há aprendizagem nas aulas de Ensino Religioso principalmente quando é abordado um assunto que os alunos têm interesse. As aulas acontecem com espaços para conversas proveitosas, abertura ao diálogo, possibilidade dos alunos descobrirem o que desconhecem e para desmitificarem assuntos pouco conhecidos.

A Begônia percebe que os alunos das disciplinas de Língua Portuguesa e Redação nem sempre se sentem à vontade, pois como ela trabalha na área de Linguagens, as disciplinas e conteúdo não são benquistos pela maioria. Já nas aulas de Ensino Religioso, ela trabalha com temas atuais e do cotidiano, questões problemáticas, ética e valores, respeito e tolerância, solidariedade, enfim todos os

temas atuais e relacionados ao cotidiano dos alunos e que atendem o interesse da turma em relação aos esclarecimentos, debates, discussões, opiniões e pontos de vista de cada um. Também trabalha os conteúdos de acordo com o ano, especificados na Matriz Curricular da BNCC.

A pesquisa mostrou as relações significativas entre a aprendizagem e a motivação dos alunos, proporcionadoras de um bom desempenho escolar. Assim, alcancei o meu objetivo e verifiquei que há aprendizagem a partir do conteúdo, da metodologia e do estilo motivacional do professor que são fundamentais para o envolvimento dos estudantes em sala de aula.

REFERÊNCIAS

BRANDÃO, Z. **A crise dos paradigmas e a educação**. São Paulo: Cortez, 1995.

BZUNECK, J. A.. A motivação do aluno: aspectos introdutório. In: BZUNECK, José Aloyseo; BORUCHOVITCH, Evely. **A motivação do aluno: contribuições da psicologia contemporânea**. 3 ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

FREIRE, P.. **Pedagogia da Autonomia**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

JOSSO, M.-C. Histórias de Vida e Formação: suas funcionalidades em pesquisa, formação e práticas sociais. **Revista Brasileira de Pesquisa (Auto)Biográfica**, Salvador, v. 05, n. 13, p. 40-54, jan./abr. 2020. Disponível em: DOI:<http://dx.doi.org/10.31892/rbpab2525-426X.2020.v5.n13.p40-54>

OLIVEIRA, V. F. de. Encontros potentes produzidos pela investigação com histórias de vida. **Revista Brasileira de Pesquisa (Auto)Biográfica**, Salvador, v. 05, n. 13, p. 345-359, jan./abr. 2020. Disponível em: DOI:<http://dx.doi.org/10.31892/rbpab2525-426X.2020.v5.n13.p345-359>

PASSEGGI, M. da C.; SOUZA, E. C. de & VICENTINI, P. P. Entre a vida e a formação: pesquisa (auto)biográfica, docência e profissionalização. **Educação em Revista**. 2011, vol.27, n.1, pp.369-386. ISSN 0102-4698. <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-46982011000100017>.

TODOROV, J. C.; MOREIRA, M. B. O conceito de motivação na psicologia. **Rev. bras. ter. comport. cogn.** São Paulo, v. 7, n. 1, p. 119-132, jun. 2005. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-55452005000100012&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 30 out. 2020.

VIERA, T. N.. **Resiliência Pedagógica: na autoformação de professores da Educação Superior**. Brasil: Editora CRV, 2019.

YUS R. R. **Educação integral: uma educação holística para o século XXI**. Porto Alegre: ARTMED, 2002.